

**Museu Alfredo Andersen:
o setor educativo e sua relação com a escola¹**

Solange Fátima Gabre²

Resumo: A pesquisa aqui apresentada surge das inquietações e buscas por um ensino de arte com qualidade e significado, no que se refere às possíveis relações entre Museus de Arte e Escolas. Essas buscas geraram a necessidade de investigação e esta foi focada na relação estabelecida entre o Museu Alfredo Andersen e as Instituições Escolares atendidas por seu Setor Educativo.

Palavras-chave: arte; ensino; museu; escola

Abstract: The research presented here was born of concerns and searches for a teaching of art with quality and significance, with regard to possible relations between the Museum of Art and the School. These searches led to the need for investigations, and this has been focused on the relationship established by Alfredo Andersen Museum and the schools attended by its Education Sector.

Key-words: art; teaching; museum; school

Introdução

Este artigo é um relato parcial da pesquisa "Museu Alfredo Andersen: O Setor Educativo e sua relação com a Escola", realizada no ano de 2007, para obtenção de grau de especialista em Museologia na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP. A pesquisa tem início com uma reflexão sobre a relação de parceria entre museu e escola e a mediação cultural que hoje se apresenta como uma proposta imprescindível, quando se fala em ensino da arte.

Na seqüência, adentra-se no universo do Museu Alfredo Andersen apresentando um breve histórico sobre o artista, o museu, o ensino da arte e a formação de professores, e, ainda, um relato das ações desenvolvidas, por meio do seu Setor Educativo, na voz dos professores visitantes do museu: o que pensam e como desenvolvem o trabalho pedagógico, tendo este museu como parceiro. Com base nos dados levantados sobre as ações educativas do museu e da escola, parte-se para a análise, a discussão e a colocação de alguns apontamentos necessários, levantando-se questões pertinentes, no sentido de contribuir para a construção de saberes e de reforçar a ação de parceria entre museu e escola.

¹ Artigo produzido a partir da monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Museologia. - Curso de Pós-Graduação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – Ano 2007

² Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE/SC

Museu e Escola – mediações compartilhadas

Hoje a relação entre a escola e as instituições culturais está cada vez mais estreita, e tanto a instituição tem a aprender com a escola, quanto a escola tem a aprender com o que está sendo proposto nos espaços culturais. (COUTINHO, 2007, p.53)

A visita a museus sempre foi encarada como atividade da elite, detentora do capital cultural. Contudo, essa visão vem sofrendo mudanças e, atualmente, o museu deixou de ser interpretado como lugar apenas para exposição de obras consagradas ou de objetos que retratam, historicamente, uma época. Passou a ter um caráter mais funcional e sociocultural, valorizando a arte e a relação que estabelece com a comunidade, por meio de sua ação educativa.

O Setor Educativo do Museu passou a ser uma extensão da escola, levando conhecimento e fazendo a conexão necessária para tornar as experiências dos alunos, com a arte, mais significativa e com conteúdos mais expressivos.

O primeiro contato com “arte”, na maioria das vezes, se faz na escola. O professor de Arte, em sua missão de ampliar a visão estética do aluno, é um importante mobilizador e mediador na formação de público. Todavia, essa função não é somente do professor, pois, afinal, existe aí uma relação cada vez mais forte entre escola e museu e que deve ser compartilhada de forma mais presente e efetiva por seus mediadores. Segundo Martins e Picosque:

São vários os mediadores possíveis, mas no museu ou instituição cultural, certamente, o monitor é o principal deles, assim como na escola é o educador. A cada um cabem mediações pedagógicas profissionais competentes, superando o modelo positivista que pretende fazer pontes discursivas entre duas realidades preexistentes: a obra e o fruidor. Superá-lo exige uma percepção e compreensão da intrincada rede que envolve amplos, complexos e difusos processos de mediação que desvelam seus conceitos através de ações. (2008, p.17)

Para que as ações pedagógicas, tanto do museu quanto da escola, se tornem eficazes no caminho apontado pelas autoras, a vivência nos museus deve ser interesse comum entre seus “comunicadores”. É necessário construir uma relação dialética, pendular e de interdependência da escola com o museu - museu com a escola, por meio de mediações mobilizadoras, tornando os encontros com a arte muito mais prazerosos.

Conforme Faria (2000, p.1-2) em seu artigo *Educação e Museu*

A construção de formas de cooperação entre a escola e o museu ajudando cada uma das instituições a sair do seu próprio isolamento em relação ao mundo que lhe é exterior, abalando-se

mutuamente nas suas resistências mais tradicionais, é com certeza um profícuo caminho. Este tipo de colaboração contribuirá igualmente para o reforço de um sentido comum que lhes permita enfrentar, adaptar e desafiar, sugerindo novas configurações, os novos fenômenos sociais e culturais ligados à produção e consumo de formas complementares de conhecimento.

É fato que a valorização da Arte, como disciplina, igual em importância com as demais, possibilitou, no decorrer dos anos, maior valorização do profissional que atua nessa área e, por conta da inter-relação com os museus, também uma maior frequência a esses repositórios de arte, cultura e saberes. Segundo Leite e Ostetto (2005, p.23), a abordagem atual de arte não pode mais apresentar-se sem a visita ao museu, e afirmam “o acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade”. Portanto, o acesso das crianças aos museus suscitou uma proposta que atendesse esse novo público. Dessa forma, configura-se na mediação cultural³ uma proposta a ser desenvolvida em parceria com o museu e sua equipe, com a escola e seus professores. O museu, nessa direção, passa a ser um local de trocas e vivências e nesse sentido Martins e Picosque (2008, p.27) afirmam:

A mediação cultural, como facilitadora do encontro entre arte e fruidor, precisa ser pensada como uma ação específica, como uma área de estudo singular. Percebê-la como canal de comunicação permite estudar seu processo, atentando para os ruídos perturbadores, como de ênfases desnecessárias ou da exclusão de aspectos que poderiam tornar o encontro mais significativo.

Ainda nesse contexto, as autoras apontam para a necessidade de uma mediação provocativa, “... instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e a imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor” (MARTINS E PICOSQUE, 2008, p. 33), pois o acesso aos bens culturais é um direito de todas as pessoas e por meio desse conhecimento é possível ampliar os olhares e saberes que permitem uma melhor compreensão de si mesmos, do ambiente e do patrimônio cultural sob muitos aspectos. Por isso a mediação cultural deve ser pensada com muita responsabilidade.

Machado (2005, p.113) destaca “a educação estética de uma pessoa só acontece ao longo do tempo, a partir do momento que ela toma gosto por dialogar com obras, assistir a filmes, ouvir músicas, ler sobre arte, história, cultura, ver imagens...”.

³ Conceito trabalhado por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque.

Por este ângulo, tanto o museu quanto a escola têm uma responsabilidade muito grande diante da comunidade, No entanto, há necessidade de refletir: Existe de fato uma parceria entre as instituições culturais e a escola? Como ocorre a mediação cultural? Qual é o papel da escola, do professor, do monitor? Quem estabelece esses papéis? São muitos os questionamentos e nem sempre se encontram respostas.

Foi nesse contexto e sob esta visão que se realizou a pesquisa sobre o Museu Alfredo Andersen e a relação estabelecida com as escolas atendidas por seu Setor Educativo, no sentido de refletir e buscar o aprofundamento dos saberes essenciais dessa prática.

Museu Alfredo Andersen – o início de uma história

Para falar do Museu Alfredo Andersen é necessário, inicialmente, contextualizar o museu, saber quem foi o artista fundador e que lhe conferiu o nome, para então discutir sobre as ações educativas desenvolvidas por ele.

Alfredo Emílio Andersen, conhecido como “Pai da Pintura Paranaense” (RUBENS, 1995, p.25), nasceu em três de novembro de 1860, em Kristiansand, ao sul da Noruega, filho de Tobias Andersen e Hanna Carine Andersen. Seu pai sonhava que o filho se tornasse um engenheiro naval e o incentivou, desde muito cedo, para as atividades do desenho, que Andersen direcionou para a criação artística.

Aos 18 anos Andersen foi admitido na Academia Real de Belas Artes de Copenhague e começou a lecionar na Escola para Rapazes em Vesterbron Asyl, quando rompeu com a tradição e a rotina de ensino, da época, e passou a ministrar aulas adotando o uso de modelo vivo em vez de cópia de gravuras impressas.

Alfredo Andersen realizou muitas viagens em busca de conhecimentos sobre novos povos e lugares. Após breve estada na cidade de Paranaguá, no litoral do Estado do Paraná, devido a avarias no navio em que viajava, decidiu fixar residência naquela cidade, e ali permaneceu por dez anos. Casou-se com Dona Anna de Oliveira e com ela teve quatro filhos: Anna Elfrida (1902), Thorstein (1905), Alfredo Jr. (1909) e Alzira Odília (1914).

Em 1902 mudou-se para Curitiba, onde montou seu ateliê e fundou uma escola de desenho e pintura. Direcionou a pintura figurativa em três gêneros: o retrato, as cenas de gênero e as paisagens ao ar livre. Ainda, segundo Rubens (1995, p.18-19)

(...) a arte não era para Andersen criação somente, mas forma tangível de beleza. Não era símbolo que as tintas fixariam desordenadamente, mas representação emocional de motivo

vivido na Natureza e na luta cotidiana do mundo (...) Não era um fotógrafo, um copista frio, um seco reproduzidor de formas, mas um fixador animado de estados de alma, quer pintasse uma paisagem, fizesse um retrato ou compusesse um quadro de natureza morta.

Apoiado por alguns intelectuais, Andersen pressionou o governador da época com o intuito de transformar a casa numa escola oficial de arte, mas isso não aconteceu de imediato. Conforme Antonio (2005, p.61-62):

O ensino particular de arte e seu trabalho como pintor retratista, não lhe rendiam o suficiente para o sustento da escola e da família, durante as décadas de 20 e 30 do século XX. Sua escola nunca dispôs de número regular de alunos, o que causava incertezas quanto à sua renda mensal.

Não obstante o trabalho com as artes constituísse dificuldades financeiras, manteve sua luta pelo seu ideal de ensino da arte, pois seu grande desejo era a oficialização da Escola de Artes e lutou por isso até o fim da vida. Apesar de tanta dedicação, Andersen morreu em 9 de agosto de 1935 sem ver seu grande objetivo realizado. Mas, seu sonho não foi em vão, pois Thorstein Andersen, filho do artista, deu continuidade ao desejo que o pai acalentou em vida, ou seja, a criação de uma escola de artes acessível à comunidade. Por meio de seus esforços, em 1940 foi criada a Sociedade Amigos de Alfredo Andersen - SAAA - que realizou diversos eventos que mantiveram vivo o legado que o artista deixou, pois

a ameaça de desaparecimento era uma realidade. O empenho com que os amigos e admiradores de Andersen trabalhavam pela conservação de sua memória, não refletia a essa altura, uma opinião unânime com relação ao papel do artista e de sua herança artística. A ameaça de desaparecimento do legado de Andersen, sentida por seus guardiões, encontrava fundamento nas idéias defendidas por uma nova geração de artistas e intelectuais curitibanos. (ANTONIO, 2001, p. 72)

Segundo registros do Setor de Pesquisas do Museu, em 1953, por meio da Lei 1 211, o Estado passou a manter, conservar e expor as obras do artista. Nos anos seguintes, o prédio passou por desapropriação judicial, mudou de nome algumas vezes, até que em 1971 foi tombado como monumento histórico. Em 1979 passou a integrar a estrutura da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e denominou-se "Museu Alfredo Andersen", Unidade da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria do Estado da Cultura do Governo do Paraná.

Hoje, o Museu é uma instituição pública, vinculada à Coordenadoria do Sistema Estadual de Museus da Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Paraná – COSEM. A instituição tem características biográficas, contudo, promove a obra de Andersen e de

seus discípulos e ainda acolhe as mais diversas manifestações de artes plásticas de artistas contemporâneos.

Atualmente é dirigido por Roseli Fischer Bassler e assessorado por um grupo de profissionais responsáveis pelos demais setores: Setor de Patrimônio Histórico e Artístico, Pesquisa, Arquivo e Documentação; Biblioteca Max Corradt Jr.; Setor Educativo e Loja Vivarte.

O ensino da arte e a formação de professores

Em 1962, Thorstein Andersen deixa a direção da Casa de Alfredo Andersen (CAA) e Ivany Moreira assume o cargo, iniciando um novo ciclo no que se refere ao ensino da arte.

O marco das mudanças ocorridas nessa época foi o ano de 1964 com a efetivação do Curso de Artes Plásticas na Educação - CAPE. Com duração de um ano, o curso era destinado à formação de professores de artes da rede pública estadual de ensino de Curitiba e de outras cidades do Paraná. Com carga horária de trinta horas semanais, o regime curricular do CAPE compreendia disciplinas artísticas e pedagógicas, bem como, teoria e prática de ateliê. O curso aconteceu por doze anos.

A partir do CAPE, a CAA realizou quatro “Semanas de Estudos de Arte-Educação”, o que trouxe intensa movimentação para o ensino da Arte e da Cultura do Estado, colaborando de maneira efetiva no processo organizacional e na discussão da profissionalização dos professores.

É interessante verificar que, apesar do CAPE ser uma iniciativa do museu, havia na sua grade curricular a ausência de uma disciplina que promovesse discussão a respeito da parceria entre museu e escola, no sentido de estreitar as relações entre eles por meio da capacitação dos professores.

As ações realizadas pelo museu em relação à escola, ao ensino da arte para crianças, tendo o museu como foco, aconteceram com o lançamento do projeto **A criança e o museu**, em 1979, desenvolvendo o tema **O Museu Que Eu Conheço**. Os objetivos consistiam em despertar e promover a criança para a vida cultural do meio e da época, integrá-la ao processo histórico-cultural, desenvolver o hábito cultural da apreciação e da familiarização com as formas artísticas culturais, incentivar o potencial criativo, possibilitando a capacidade de sensibilização crítico-artística. Portanto, o museu contatava as escolas, convidando-as para visitação, por meio de ofícios circulares.  s escolas participantes, cabia a inser o dos alunos na vida cultural do museu e o

desenvolvimento de atividades de expressão espontânea e criativa em sala de aula. Essas atividades eram enviadas ao museu e selecionadas para fazer parte de uma exposição. Como apoio a essa atividade, as escolas realizavam visitas ao museu.

A partir do ano de 1983, o desenvolvimento de ações educativas, por meio de projetos e cursos, tornou-se intenso. Entre esses projetos destacam-se:

- **Movimento de Arte junto à Comunidade**, que buscava levar às comunidades, próximas de Curitiba, conhecimentos sobre o Patrimônio Artístico do Estado, bem como, oficinas de artes.

- **Tardes Criativas**, entre os anos 1984 e 1986, que segundo RÉBOLE (2007)⁴, era desenvolvido aos sábados, nas praças da região metropolitana de Curitiba, em parceria com o Teatro Guaíra e com o Departamento de Esporte da Secretaria de Cultura, da época.

A responsável pelo Setor de Pesquisa, por meio do projeto **Falando de Andersen**, visitava as escolas realizando palestras sobre Alfredo Andersen, preparando as crianças para participarem das Tardes Criativas.

- **Curso Atividades Artísticas para Professores de Pré-Escolar.**
- **Formação de Multiplicadores em Educação Artística/Artes Plásticas (1.º grau).**
- **Vamos ao Museu**, objetivando divulgar o acervo e as atividades do ateliê de arte;
- **O Artista na Atualidade**, cujo objetivo era trazer para o museu artistas para realizarem palestras.
- **Programar**, projeto realizado no litoral paranaense.
- **Criançando com Arte**, atendia crianças de Escolas Especiais.
- **Cursos Teoria e Prática da Cor e Atividades Artísticas na Escola de 1.º grau.**
- **1.º Seminário sobre o Ensino das Artes Plásticas no Paraná.**

Esse foi um período de trabalho muito intenso no museu, fortalecendo suas ações educativas. Nota-se que a preocupação, na época, era levar a arte à comunidade, às crianças e às escolas, e isso, de fato acontecia, porém, sem haver uma relação estabelecida apropriadamente. As ações partiam sempre do museu, como uma transmissão do conhecimento, e não de um interesse da comunidade, de um projeto da escola, das crianças, entre outras possibilidades, ou seja, de ações educativas construídas para e com o grupo.

O setor educativo

Quando Eliana Moro Rébole assume a direção do museu, em 1991, é elaborado um

⁴Entrevista concedida à autora em 18/01/2007.

organograma criando novos setores, que existem até hoje, com suas respectivas chefias. Surge daí o Setor Educativo que trouxe às ações educativas, espaço e pessoal responsável.

Hoje, o Setor Educativo é composto por quatro funcionários, sendo duas coordenadoras que possuem formação em Artes Visuais e atuam no museu desde 2004 e dois estagiários.

São atendidos, aproximadamente, 4 600 visitantes, entre crianças, jovens e adultos e em média, 400 professores durante o ano letivo. A maioria vem de escolas municipais e estaduais.

Em entrevista concedida à autora, por uma das coordenadoras do setor, constatou-se que muito do que é desenvolvido hoje pelo Setor Educativo não se distancia do que aconteceu no passado.

Hoje o Setor Educativo atua, principalmente, baseado nos projetos **Andersen na Escola, Palestra do artista expositor e Semana Andersen**.

- **Andersen na Escola**: este projeto começa no início de cada ano, com convites para visitas monitoradas. Esses convites são dirigidos às escolas municipais, estaduais e particulares de Curitiba e região metropolitana, além de ateliês. No mês de março, os interessados agendam a visita por telefone. São atendidas duas escolas por dia, uma em cada período, em razão do pequeno espaço físico de que dispõe. A visita começa em frente ao museu e os participantes são recepcionados pelos estagiários. Os alunos até a 5.^a série assistem a um teatro sobre a vida e a obra de Alfredo Andersen e os demais visitantes assistem a um vídeo sobre a vinda do artista Alfredo Andersen ao Brasil. A seguir, os estagiários fazem uma breve apresentação do museu e dão orientações de como se portar durante a visita.

A visita continua dentro do museu, e os estagiários apresentam as exposições agendadas, enfatizando a mostra permanente de Alfredo Andersen.

Sob essa ótica, a visita monitorada realizada pelos estagiários, mescla-se entre a Visita Palestra e a Discussão Dirigida, definidas por Denise Grispum⁵ como:

⁵ Anotações de aula no módulo "Educação em Museus" do Curso de Especialização em Museologia – EMBAP, ano 2006.

Visita Palestra: ocorre em tempo limitado, com hora marcada para iniciar e terminar. É dirigida por um guia que fala a maior parte do tempo, usando linguagem discursiva. Oferece informações e dá pouca oportunidade ao visitante de interagir. Não se detém muito em um único objeto. Preferencialmente, adota um estilo informal de apresentação. Discussão Dirigida: estrutura-se em forma de um diálogo entre o monitor e os visitantes. O monitor lança perguntas, espera pelas respostas e dá informações, além de relatar fatos em intervalos apropriados, durante a discussão. O processo para a aquisição de novos conhecimentos se dá na discussão do grupo. O monitor estabelece um roteiro, com no mínimo três paradas diante de obras, para apreciação e leitura.

Após essas orientações e dependendo das condições climáticas e do tempo disponível, as crianças realizam a releitura de uma das obras do artista e podem, ainda, brincar com diferentes jogos confeccionados com base nas obras de Andersen.

Os alunos menores, até a 5.^a série, recebem uma cartilha contendo informações sobre o artista e com diversas atividades que poderão ser realizadas na escola e também um jogo de quebra-cabeças. Já os alunos maiores são presenteados com um imã de geladeira com a reprodução de uma das obras do artista. Para a professora da turma é feito um convite para que seus alunos participem do concurso **Andersen na Escola**.

Neste concurso, os professores devem realizar releituras de obras do artista, com seus alunos, e selecionar no máximo dez trabalhos. Destes, os melhores são enviados ao museu que organiza uma equipe de avaliadores para fazer a seleção dos trabalhos vencedores, que participarão de uma exposição com todos os trabalhos enviados para o concurso. Os vencedores são contemplados com bolsas de estudo no Centro Juvenil de Artes Plásticas e materiais de pintura.

- **Palestra do artista expositor**: ação desenvolvida no museu, que já acontecia em 1986, na qual o artista expositor é convidado a fazer uma palestra para os alunos que visitam o museu.

- **Semana Andersen**: a cada ano, na semana do aniversário de nascimento do artista, o museu realiza uma programação especial, tradição que começou em 1940, organizada pela SAAA e que vem sendo mantida até os dias atuais.

Os estudos nessa direção avançaram e constataram que o Museu Alfredo Andersen – olhando-se a década de setenta e suas atividades - reduziu o número de ações e as que manteve são apenas reformulações das que existiam.

O que diz a escola

Para investigar a ação educativa do museu, sob a ótica das escolas, buscou-se saber dos professores visitantes, qual o entendimento que têm a respeito das práticas que desenvolvem em parceria com o museu, pois, as experiências obtidas pelos participantes são importantes referências para a construção de novos saberes e práticas futuras.

Primeiramente, é importante destacar a dificuldade encontrada na obtenção de dados sobre as visitas das escolas ao museu, uma vez que, optou-se por questionários enviados aos visitantes do ano de 2006, via e-mail e, destes, apenas 2,78% os responderam. Para os visitantes, no período entre março e junho de 2007, os questionários foram entregues pelos monitores do museu no ato da visita, porém apenas 10,26% foram respondidos.

Mesmo com uma massa de dados exígua, a pesquisa revelou fatos importantes sobre a relação museu x escola e a mediação cultural, que veio ao encontro dos objetivos propostos inicialmente.

. Com base na coleta dos dados, pôde-se perceber que 77,78% das professoras possuem formação em artes visuais, 11,11% possuem formação em magistério e outros 11,11% estão cursando pedagogia e que todas atuam no ensino da Arte, há mais de sete anos.

. Sobre a base teórica que norteia as suas práticas pedagógicas, a maioria das professoras trabalha a proposta triangular de Ana Mae Barbosa que enfatiza a leitura e releitura de imagens, história da arte, além de técnicas variadas.

. Quanto à proposição de visitar museus, relataram ser uma atividade muito importante não só para os alunos, como também para elas mesmas, pois desenvolve o senso crítico, o gosto estético e aprofunda os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Relataram também que sempre propõem visitas aos museus, mas que para isso, necessitam do apoio da equipe pedagógica da escola, o que, na maioria das vezes, é muito difícil, pois não existe o entendimento sobre a importância dessa atividade. Uma professora destaca que nas escolas da prefeitura é mais fácil conseguir apoio para levar seus alunos ao museu, porém, o mesmo não acontece nas escolas do Estado.

. Sobre o objetivo da visita ao Museu Alfredo Andersen, uma professora relatou que é um dos conteúdos das aulas de arte, na escola em que trabalha, por isso, todos os anos, os alunos participam dessa atividade. Outra, respondeu que seu objetivo era levá-los a essa visita porque seus alunos nunca foram a um museu. As demais citaram a importância do artista para a arte paranaense, bem como, o compromisso que elas têm de despertar

nos seus alunos o desejo de apreciar Arte e que, ver a obra original é melhor que ver as reproduções.

. Perguntadas sobre a importância de um trabalho preliminar com o objetivo de preparar professores e alunos para a visita, todas se manifestaram positivamente. Do total de professoras que o visitaram, 66,67% realizaram um trabalho prévio à visita, por meio de reproduções de obras do artista, filme e história da arte; 11,11% das professoras destacaram que não realizaram um trabalho anterior porque não conheciam o artista e nem o museu e que o estavam conhecendo juntamente com seus alunos. As demais não responderam sobre essa questão.

Todas as professoras relataram que não houve um trabalho prévio, à visita, por parte do museu.

. Sobre o trabalho da monitoria durante a visita, todas as entrevistadas responderam que o trabalho desenvolvido foi satisfatório e os alunos puderam perguntar e opinar sobre as obras visitadas.

. A respeito da continuidade do trabalho em sala de aula, após a visita, todas se colocaram positivamente, relatando as futuras propostas de trabalho.

. Quanto ao material didático recebido no museu, apenas 11,11% das professoras responderam que os alunos levaram esse material para casa e realizaram as atividades. As demais enfatizaram que o material serviria de apoio à continuidade do trabalho na escola, porém não especificaram como seria concretizado.

. Sobre a participação no concurso **Andersen na Escola**, quatro professoras responderam que seus alunos não iriam participar; duas delas não responderam e as demais destacaram que seus alunos gostaram muito desta proposta e que participariam. 11,11% das professoras responderam que acharam maravilhosa a proposta do concurso, pela oportunidade de expressão que oferece. Uma delas escreveu ainda *não saber bem qual é a proposta do concurso, é interessante, pois incentiva o aluno despertando a criatividade e que gostaria de ter mais informações.*

No espaço destinado a outros comentários, algumas professoras manifestaram-se da seguinte forma:

. *O museu deve continuar com este projeto que auxilia no trabalho para efetivar o conhecimento.*

. *Muitos professores levam os alunos para fora da sala só para não darem aula. Vira uma bagunça. É preciso que alguns tomem consciência de ensinar com honestidade.*

. *É importante que dêem esse espaço para as escolas públicas. O mundo da Arte é um direito de todos.*

Percebe-se que tanto a escola quanto o Setor Educativo do Museu Alfredo Andersen têm enorme preocupação em oferecer uma mediação cultural de qualidade, como recurso para desenvolver uma ação educativa comprometida. No entanto, existe a necessidade de se colocar alguns apontamentos, no intuito de melhorar ainda mais essa relação.

Apontamentos - construindo saberes

Sobre o Museu Alfredo Andersen:

. Verifica-se que o elo entre o museu e a escola fundamenta-se na realização do concurso **Andersen na Escola**. Primeiramente, não é função do ensino da arte, transformar alunos em artistas e, sim, proporcionar a experiência estética com base em propostas desafiadoras. Contudo, esses desafios não devem ser apresentados como competição, com premiação e nem favorecer a exclusão. Por um lado, os premiados podem reduzir suas produções ao motivo que os levou à vitória. Por outro lado, os que não tiveram seus trabalhos expostos, podem se sentir desmotivados a novas participações, ou mesmo, a continuarem suas experiências em arte. Lowenfeld, ao analisar esse tipo de proposta, destaca que os concursos artísticos exercem uma influência negativa na personalidade das crianças, gerando muitas frustrações. "Nenhum estímulo artificial, por maior que seja a recompensa, pode substituir uma grande experiência, indispensável para realizar um trabalho criador". (LOWENFELD, 1954, p. 69). Uma revisão deste modelo pode ser bem-vinda e até ampliar horizontes.

. Em relação aos estagiários que desenvolvem o trabalho de monitoria, constatou-se a presença somente de estudantes de Artes Cênicas, baseado na estratégia utilizada para a ação educativa na qual a visitação inicia com uma peça teatral, contudo, considerando que a Instituição é iminentemente voltada às artes visuais, o setor deveria ser constituído por profissionais dessa área. Para tanto, a motivação da contratação de estagiários deve ter como foco estudantes do curso de Artes Visuais, que no museu assumem o papel de mediadores.

A capacitação dos estagiários para a realização da monitoria é feita verbalmente, baseada em leitura dos materiais disponíveis no setor de pesquisa e na biblioteca do museu, o que revela que o setor não possui um projeto pedagógico documentado no qual

constem as suas diretrizes e formas de atuação, bem como, a fundamentação teórica que embasa esse trabalho. Sobre os tipos de visitas ofertadas aos visitantes, é importante ir além das propostas que já acontecem, para uma maior interação com o público.

. Quanto à proposta de leitura e releitura de imagem proposta por Ana Mae Barbosa e utilizada na ação educativa, há a necessidade de estudos sobre outras possibilidades de trabalho que o ensino da arte pode oferecer, pensando no ensino da arte na atualidade.

É importante incluir outras propostas, buscar outras referências que ampliem as experiências estéticas dos alunos e sua visão de mundo.

. Quanto ao atendimento aos alunos, constatou-se a inexistência de atividades práticas permanentes – a exemplo de oficinas – que os instigue à participação ativa, à curiosidade, ao questionamento, à pesquisa e, como consequência, desenvolva o interesse para novas visitas. São aplicados, esporadicamente, jogos pedagógicos que envolvem o lúdico, e permitem à criança entrar em contato com o acervo do museu estabelecendo um vínculo positivo em relação ao museu x escola e público, no entanto essa estratégia poderia ser mais explorada. O estudo e o planejamento inseridos nesse processo, certamente ampliam e qualificam o desenvolvimento da ação educativa, por colocar as pessoas envolvidas em contato direto com a experiência estética.

Concordamos com Martins e Picosque (2008, p.32) quando afirmam que “manipular tintas e formas, linhas no plano e no espaço, viver experiências novas instigantes são, por si só, mediadores significativos. Mas, independente das possibilidades físicas e materiais, sempre haverá a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações onde o encontro com a arte possa gerar uma sociedade mais humana”. Nesse sentido os mediadores (professor e monitor) assumem um compromisso que necessita de estudo, reflexão e planejamento.

. Sobre ações para a preparação do professor visitante, constatou-se a inexistência de um encontro prévio entre o pessoal do setor educativo e os professores, de modo a fornecer a estes um suporte teórico que embase o atendimento aos alunos, muito importante para a mediação. Há também a necessidade de material de apoio ao professor, que suplemente o conhecimento e o conteúdo adquiridos no encontro prévio e também sirva de apoio às aulas.

. Outro elemento que poderia auxiliar a ação educativa é o emprego de textos de parede

na exposição permanente, recurso que poderia favorecer a visita, proporcionando uma ação interativa com o público. Embora as explicações e informações oferecidas pelo setor educativo possam suprir essa ausência, o texto de parede é importante quando se conceitua visitas a museus, uma vez que servirá também como referência para outros visitantes.

Urge um avanço, nos estudos, que revejam as ações educativas e mediações culturais com base nas mais recentes propostas para a relação museu-escola.

Sobre a escola

Sabe-se que o trabalho do professor de Arte dentro da escola não é tarefa fácil e se torna muito mais difícil se não existir um entendimento da importância dessa disciplina, por parte das equipes pedagógica e administrativa. O professor, muitas vezes, se vê isolado, sozinho nessa luta. Contudo, ainda que sozinho dentro da escola, o professor pode muito, mas é necessário que se conscientize desse fato, encare os desafios e desenvolva o ensino da arte com os meios que lhe estão à disposição.

Ao se pensar em uma visita cultural, os professores precisam conhecer o ambiente e o acervo em exposição, do museu, bem como, as exposições temporárias. Isso os auxiliará nas necessárias interferências e lhes dará condições de participar ativamente da mediação, em parceria com a monitoria, bem como de dar continuidade ao trabalho em sala de aula, pois concordamos com Arslan e Lavelberg (2006, p. 6) quando afirmam que “não se pode ensinar aquilo que não se conhece. Para tanto, é necessário que o professor entre em contato com o universo da arte, conceitos, procedimentos, valores e vivências...”. Isso envolve uma visita anterior ao museu para conhecer o acervo, discutir sobre o encaminhamento e o objetivo da visita com os responsáveis pela monitoria, o conteúdo que interessa ao grupo – que já deve estar sendo trabalhado nas aulas. Arslan e Lavelberg (2006, p. 47) ainda afirmam que “o professor também pode preparar material específico para a sua expedição, algo que o ajude a focar a observação em algum assunto que pretende discutir”.

Se de um lado é importante que o museu promova encontros prévios com os professores, de outro lado, estes também devem se preparar para a visita, no sentido amplo.

Revelou-se a necessidade de estudos e aprofundamentos sobre a mediação cultural e aos encaminhamentos e propostas de trabalho desenvolvidos em sala de aula e na parceria com o museu. Nota-se certa fragilidade, ou até mesmo, falta de embasamento teórico

por parte dos professores e isso ficou evidente nas respostas dos questionários da pesquisa.

Considerações finais

Como em todo caminho, observou-se que muitas outras direções e questões poderiam ser levadas a estudo e de maneira pertinente com o projeto inicial desta pesquisa. A manutenção da linha inicial teve como precípua objetivo destacar elementos que pudessem contribuir para um aprimoramento das relações entre escola e museu, na direção de um ensino da arte mais rico e responsável com seu público, além de apontar fatos que possam ajudar a fortalecer ambas as instituições, no que se refere à mediação cultural, e que são por natureza detentoras de conhecimento e formadoras de cidadãos amplamente conectados e cientes do mundo e de suas possibilidades.

Constatou-se que, no trabalho desenvolvido pelo Setor Educativo do Museu Alfredo Andersen, bem como das escolas, existe muito empenho e preocupação dos envolvidos em realizar um trabalho de qualidade, porém, evidenciaram-se algumas lacunas a serem preenchidas.

É, na verdade, uma experiência nova sob essa forma, para ambas as instituições, e sua continuidade deve ser fortalecida.

Sabe-se que os profissionais que atuam tanto no museu quanto na escola buscam desenvolver o melhor dentro das possibilidades que detêm. No entanto, entre as dificuldades e fatos analisados, pode-se mencionar a falta de políticas públicas no sentido de investimento no trabalho como um todo. Podem-se citar, ainda, as necessidades de: ampliação do quadro dos profissionais que atuam nos diferentes setores de investimentos; qualificação desses profissionais e de realização de concursos que atraiam profissionais especializados nas áreas de atuação museológica; obtenção de verbas para facilitar o transporte dos alunos ao museu, bem como, o apoio das equipes pedagógica e administrativa das escolas aos professores de arte.

Baseando-se no fato de que uma parte da pesquisa foi dirigida aos professores que tomaram a iniciativa de levar os seus alunos ao museu, pode-se dar continuidade a esse estudo pela visão dos alunos que visitam o museu, suas expectativas, suas experiências e seus aprendizados.

As possibilidades da relação museu-escola são inúmeras e há um campo vasto para pesquisas e realizações. O museu está aí, a escola está aí. Ambos à espera de mais

ações que, certamente, os beneficiarão sobremaneira, com o explorar dessas possibilidades, não só como instituições, mas também como dispensadores do ensinar e do aprender como partes importantes no desenvolvimento do cidadão, como parte da cidade, como um lugar a se ir em busca de idéias, de fruição, de conhecimento.

Conectar o museu e a escola ao novo modelo de mundo, ao seu público, à comunidade, à uma sociedade mais exigente, construir pontes entre seus estigmas e seu futuro é a tarefa precípua do hoje pela busca da contemporaneidade do ensino da arte.

Referências

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **A Escola de Arte de Alfredo Andersen 1902-1962**. Curitiba, 2001.134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

ARSLAN, L. M. e IVELBERG, R. **Ensino da arte**. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

COUTINHO, Rejane. *Entre o encontro e a provocação: a ação mediadora*. In: MARTINS, M.C; SCHULTZE, A. M. e EGAS, O. (Orgs.) **Mediando (con)tatos com a arte e cultura**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes – Pós-Graduação. São Paulo: V.1, novembro 2007, p.41-65.

FARIA, Margarida Lima de. **Museu e Educação**. Centro de Etnologia Ultramarina. Portugal: IICT, julho de 2000.

LEITE e OSTETTO, Maria Isabel, Luciana E. **Museu, educação e cultura**: encontro de crianças e professores com arte. São Paulo: Papyrus, 2005.

LOWENFELD, Viktor. É Conveniente Estimular a Participação da Criança em Concursos? In: **A Criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

MACHADO, A. A. *O seu olhar melhora o meu: o processo de monitoria em exposições itinerantes* In: LEITE, M I e OSTETTO, L. E (Orgs.) **Museu, educação e cultura**: encontro de crianças e professores com arte. São Paulo: Papyrus, 2005.

MARTINS, M. C. e PICOSQUE, G. **Mediação Cultural para professores andarilhos na Cultura**. São Paulo: RBB, 2008.

RUBENS, Carlos. **Andersen, pai da pintura paranaense**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.